

NATUREZA, ESPAÇO E PAISAGEM COMO CONSTRUÇÕES HUMANAS

NATURE, SPACE AND LANDSCAPE AS HUMAN CONSTRUCTION

Vania Bartalini*

RESUMO

Tendo como ponto de partida as bases fenomenológicas, nas quais paisagem é compreendida como fruto da relação Homem/lugar/mundo, busca-se abordar as ideias de natureza, espaço e paisagem, sob a ótica do que se convencionou chamar de “experenciador”. Diante do complexo panorama contemporâneo, em que as categorias acima citadas sofrem revisões e ampliações conceituais sistemáticas, pretende-se discutir natureza, espaço e paisagem como construções humanas, historicamente determinadas. O tema é conduzido através da reflexão sobre a tessitura de sentido que se dá a partir da experiência direta, por meio da qual paisagem pode ser lida como “mediação” entre natureza e humano.

Palavras-chave: Paisagem. Construção de sentido. Historicidade. Produção humana.

ABSTRACT

Taking as its starting point the phenomenological bases, where landscape is understood as the result of the man/place/world relationship, this essay seeks to address the concepts of nature, space and landscape, from the perspective of factual experience, and ontologically so-called “experenciador” (experienter). Facing the complex contemporary scenario, where the categories mentioned above undergo revisions and systematic conceptual expansion, we intend to discuss nature, space, and landscape as human constructions, historically determined. The theme is conducted through the analysis of meaning-building that occurs from direct experience where landscape takes on the dimension of “mediação” (mediation) between nature and human.

Keywords: Landscape. Meaning-building. Historicity. Human production.

NATUREZA COMO PRODUÇÃO DE SENTIDO

Tome-se natureza como sinônimo de “suporte físico” e, rapidamente, conclui-se que sua existência nos precede, e, ao que tudo indica, sobreviverá a nós. O conjunto de fenômenos naturais tem sua positividade afirmada pela presença física – rios, mares, vales, montes, prados, florestas... estão lá, independentemente de nossa apreciação estética, nossa percepção, nossas considerações teóricas. No entanto, seria ingênuo tomar essa positividade como definição última de natureza; afinal, rios, mares, vales, montes, prados, florestas, são assim apreendidos por construção de sentido, característica única e constitutiva do humano.

* Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Rua do Lago, 876, CEP 05508-080, Butantã, São Paulo, SP.
CV: <http://lattes.cnpq.br/2016796800053562>
vania.bartalini@gmail.com

O uso do termo construção de sentido deve ser melhor analisado, tendo em vista que construir sentido é diferente de apreender sentido: na apreensão nos vemos na posição de receptáculos de sensações, atmosferas, impressões corporais que nos chegam do “exterior”. Essa é, na verdade, a acepção tradicional que acompanha a postura moderna, tanto das ciências quanto da filosofia.

Pela tradição, externo e interno têm origens/causas distintas e, portanto, resultam em consequências distintas – o próprio ato de equacionar questões com base em causa/consequência indica um modo peculiar de apreender qualquer que seja o fenômeno, como a determinar um centro em torno do qual gravitam outros fenômenos, um eixo do qual uma força emana e impacta o que está à sua volta.

Quando, ao contrário, afirma-se construção de sentido como constitutiva do humano, adentra-se a uma forma diversa de pensar. A afirmação de modo algum advoga a tese de que o que nos cerca advém de nós, de nossa forma de internalização do exterior, e que sem isso nada existiria para além de nosso mundo sensorial.

O que se descreve aqui como construção de sentido se aproxima da visada fenomenológica que desvela de modo mais radical (indo às raízes mesmas do que acontece) a forma pela qual Homem e Mundo se relacionam. A bem da verdade, não se poderia sequer nomear o que ocorre como “relação”, pois Homem e Mundo são uma única e mesma coisa. Isso significa que não existe Homem sem Mundo, e que Mundo é projeto do Homem (CASANOVA, 2009).

A compreensão de que o amálgama Homem/Mundo se dá em todas e quaisquer situações gerou o conceito heideggeriano de *dasein*, que significa “Ser-o-aí” (HEIDEGGER, 1988). “Ser-o-aí” quer dizer, antes de mais nada, que *dasein* é sempre “jogado no Mundo”; desenha seu projeto humano no Mundo pautado pelas possibilidades que se abrem no Mundo, sempre historicamente dado:

[...] no pensamento de Heidegger, estão rompidos os pressupostos metafísicos que, durante séculos, sustentaram nossa compreensão de Homem e de mundo. Numa concepção em que já não cabem mais dicotomias interno-externo, subjetivo-objetivo, mente-mundo, foi necessária essa palavra nova ‘Dasein’[...] para falar desse ente que, por princípio, já é ser-no-mundo (SAPIENZA, 2015).

E como se dá Mundo? Heidegger compreende Mundo como o que abarca a experiência humana. Nesse sentido, Mundo tem prevalência, Mundo norteia, define e impacta o *dasein*. Estar no Mundo significa estar imerso no discurso do Mundo, orientado pelo projeto de Mundo instituído muito antes de nós, que nos guia e nos dá sensação de familiaridade e segurança:

O mundo não é totalidade dos objetos de representação, atuais ou possíveis: o mundo constitui o ser-o-aí, como a ambiência no interior do qual transcorre sua existência irremissível, em diferentes planos de relação. É no mundo que o ser-o-aí pode ser como um si próprio ou não ser como um si próprio, permanecendo na inautenticidade (GIACÓIA, 2013).

Por estar em conformidade com o caminho trilhado pela analítica existencial é que se pode afirmar que natureza se dá como natureza apenas e sempre no entrecruzamento com o humano, ou seja, no entrecruzamento do projeto de Mundo e do projeto de sentido que se abre sempre e a cada vez.

Em outras palavras, a experiência de natureza só pode dar-se em conformidade com o sentido aberto pelo Mundo num determinado tempo histórico. Isso equivale a dizer que, na eventualidade da extinção de nossa raça, os fenômenos naturais continuariam onde estão, mas não mais “se mostrariam”, não mais “apareceriam” como rios, mares, vales, montes, prados, florestas. A natureza só é natureza porque *dasein* assim a denominou enquanto fenômeno que se mostra a ele. Sem a presença do humano, natureza passa a ser alguma coisa inominável, já que apenas ao humano é dado nominar como recurso para compreender.

Assim, o aparecimento da natureza como rios, vales, montes, se dá por construção de sentido, por uma apreensão primeira não pensada, digamos assim, que tem como disparador uma sensação, uma atmosfera ou “*stimmung*”, termo utilizado por Heidegger em **Ser e tempo** (1988) para designar o que nos invade, nos encontra, se faz em nós, mas advém de algo para além de nós, e que pode ser utilizado quando nos referimos ao encontro homem/natureza.

Como tudo, a natureza chega a nós repleta de sentidos, produzidos pelo Mundo e pelas possibilidades que Mundo nos coloca a cada vez. É ele que nos orienta em relação a como perceber, nomear e experienciar o “fenômeno natureza”. Desse ponto de vista, não nos é dada a possibilidade de abster-nos do Mundo para melhor esquadrihá-lo – como não nos é dada a prerrogativa de definir natureza apartada da historicidade que constitui o conceito.

Jean-Marc Besse em **Ver a Terra** (2006) referindo-se a Merleau Ponty, diz que a interpretação “vem do meio do mundo”, sem “olhar de sobrevoo”. Com isso, o autor revela uma verdade incontestável: não somos autores dessas interpretações (o que inclui, claro, a ideia de natureza), embora sejamos parte indissociável da rede interpretativa que cobre o mundo e constitui a hermenêutica do cotidiano.

Como disse Heidegger em **Ser e tempo** (e como reforça o texto referido de Besse), Mundo é campo de sentido dado historicamente, e é esse mesmo campo de sentido, sempre aberto e disponível, que nos outorga a possibilidade de relações com a natureza tão ricas e distintas no decorrer da história: natureza vivida como incontrolável e ameaçadora; natureza como símbolo de paraíso terrestre; natureza como meio de autoconhecimento; natureza como matéria-prima para o avanço técnico; natureza a serviço das vontades humanas.

Na mesma linha de raciocínio, Besse (2006) frisa que os sentidos assumidos por natureza e atravessados por historicidade não são produtos da subjetividade humana, muito menos gratuitos. São, antes, fruto de um diálogo sutil: os sentidos de natureza se dão ao *dasein* em função de ser ele, fundamentalmente, busca de sentido, mas se dão também a partir do que a natureza “disponibiliza”, numa relação entre “seres”. Enunciar a importância dessa relação deve ir além de um exercício intelectual.

Na prática do paisagista, a raiz da relação homem/natureza como um diálogo sutil pode indicar possibilidades. Para além das bases morfológicas e geográficas, natureza pode ser assim pensada como uma forma de expressão que tem seu nexos histórico atrelado à história do Homem. Sendo assim, o projeto paisagístico não deve ser entendido como resultado de uma subordinação à “natureza física”, nem como resultado de subordinação da natureza em proveito humano. Projeto deve, pois, ser apreendido como forma de compreensão e respeito a um diálogo quase mudo e profundo, que se dá entre humano e natureza, muito antes de qualquer conceituação formal.

ESPAÇO POSICIONADO E ESPAÇO VIVIDO

Tome-se agora o conceito tradicional de espaço. Para as ciências naturais, espaço é posicionamento, é distribuição e ordenação de entes – a mesa está ao lado da janela, que por sua vez está em frente à porta; uma ilha é porção de terra cercada de água por todos os seus lados etc. No entanto, esse posicionamento tem em si algo de “artificial”, situa-se num momento tardio, já que a apreensão primeira de espaço se dá, também aqui (como em tudo), antes mesmo de qualquer tipo de reflexão, posição avaliativa, decupagem analítica.

Nossa apreensão de espaço é antes de tudo afetiva, o que significa dizer que espaço é sempre “espaço existencial” (HEIDEGGER, 1988), espaço é algo que me afeta de uma forma ou outra. Assim, quando me encontro longe de meu país, por exemplo, um cheiro, uma cor, uma luz que incida instaura em mim a saudade e faz com que, imediatamente, se abra para mim minha cidade, meu bairro, minha casa, minha gente. No instante mesmo em que isso se dá, meu país está mais perto de mim do que aquilo pelo qual me vejo fisicamente cercado, trazendo a certeza de que espaço é relativo ao que me afeta, ao que me importa, enfim.

Mais uma vez, refletir sobre esse conceito não deve ser tomado como veleidade intelectual. A reflexão sobre o espaço impacta diretamente a práxis do paisagista, na medida em que, querendo ou não, o espaço que projeta estará sempre repleto de sentidos – e não necessariamente dos que ele projetou em seu projeto, mas sentidos que se abrem na experiência vivida na íntima relação entre experienciador e espaço experienciado:

O ponto de vista fenomenológico, em geografia, permitiu abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço... Ele (ponto de vista fenomenológico) fez aparecer, enfim, novos corpos de informações: os ‘discursos’, as tradições literárias, filosóficas, religiosas, ou ainda as artes plásticas, são consideradas hoje como portadores de saberes e significações geográficas (BESSE, 2000).

Levando-se em conta, portanto, que espaço não é formulação teórica, mas possibilidade de abertura para impressões que “se instalam”, talvez não baste ao projetista propor espaços. Talvez, na elaboração de programas paisagísticos, seja necessário,

antes de tudo, “escutar” espaços que mesmo antes de um projeto já se pronunciavam, deflagram sensações, sentimentos, percepções.

PAISAGEM COMO RELAÇÃO ENTRE HOMEM E TERRA

Tome-se paisagem, enfim, não como circunscrição geográfica, mas como o lugar do Homem no sentido de ser, ela mesma, manifestação do humano: “O que pode significar a paisagem nesta perspectiva renovada? Ela é compreendida menos como um objeto do que como [...] um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana [...]” (BESSE, 2000).

Aludindo a Éric Dardel (2013), Besse nos diz que paisagem é a manifestação da mão humana sobre a Terra. Paisagem é, segundo ele, uma dimensão pré-reflexiva, é o mundo do sensível, uma espécie de ancoradouro do humano, já que é impossível habitar a Terra sem ser pela e na paisagem terrestre. Em seu texto, Besse nos faz ver a distinção (proposta por Erwin Straus) entre perceber e sentir:

A percepção está do lado de ciência, ela é ciência iniciante. Ela supõe, como efeito, diz Straus, uma distinção entre o sujeito que percebe e o objeto percebido [...] Straus desenvolve uma concepção intelectualista da percepção e uma concepção fenomenológica do sentir [...] a paisagem é ausência de objetivação. Ela precede a distinção entre sujeito e objeto e a aparição da estrutura do objeto. A paisagem é da ordem do sentir. Ela é participação e prolongamento de uma atmosfera [...] (BESSE, 2000).

É preciso, no entanto, refletir um pouco mais sobre o sentido assumido por “Terra”. Sem dúvida, trata-se do aparato geográfico que guarda a vida humana. Mas não só. Aqui Terra deve ser apreendida como aquilo que testemunha a trajetória humana, seus anseios, desejos, projetos, limitações. Ainda mais que isso, Terra deve ser pensada como:

A que faz surgir e que abriga. A Terra é a que não sendo forçada a nada é sem esforço infatigável. Sobre a Terra e nela o homem histórico fundamenta seu morar no mundo. [...] O mundo é abertura manifestante das amplas vias de decisão simples e essenciais no destino de um povo histórico. A Terra é o livre aparecer [...]. Mundo e Terra são essencialmente diferentes um do outro e, contudo, nunca separados. O Mundo fundamenta-se sobre a Terra e a terra irrompe enquanto Mundo (HEIDEGGER, 2010).

Terra é, então, aquilo sempre presente, mesmo sem que nos demos conta, aquilo que encerra, como diz Heidegger, nossa “diferença ontológica”. É o que não se manifesta explicitamente, é abissalidade que impacta e atua em nós de forma sutil. Terra é o que se esconde, se encolhe, se oculta. É um chamado constante que *dasein* nem sempre reconhece, mas que pulsa mesmo assim. Sendo solo da experiência humana, Terra é, antes de tudo, sentir. Terra se mostra a quem das palavras, num gesto quase

imperceptível que nos afeta por inteiro. E, nessa medida, Terra e paisagem são uma espécie de unísono.

Como testemunho da passagem humana pela Terra, a paisagem é plástica, maleável e entremeada pelos projetos de sentido que se dão ao longo do tempo, em conformidade com as possibilidades abertas em cada tempo. Paisagem é, portanto, História, e isso nos concerne em primeira instância, pois é produção humana em qualquer dimensão que se apresente.

Seguindo os passos de Joaquim Ritter, paisagem aparece como mediação que traz a natureza para a dimensão humana (e aqui talvez caiba perguntar se é possível a natureza vir ao nosso encontro de outro modo que não o da presença manifesta da paisagem) [(BARTALINI, 2013)]. Ao tratar do pensamento de Ritter, o filósofo Massimo Venturi Ferriolo nos convoca a refletir sobre o divórcio natureza/sociedade, imprescindível para a entrada no moderno e símbolo do processo de libertação humana (e consequente submissão do natural) em relação à natureza. É em meio a isso que surge a ideia de paisagem como um “sentimento de natureza”, que ocupa o lugar da simbiose que os antigos experimentavam em relação aos processos naturais e permite uma espécie de enquadramento do natural, por meio do qual é possível realizar um processo de simbolização que traz a natureza para mais perto do mundo humano. Como diz Ferriolo:

Qual é o movimento que cria a paisagem e seu caráter individual? O mundo da técnica, domínio das ciências práticas, intervém na natureza e a transforma até sua destruição. Este processo é História, mundo do homem, do útil, ‘segunda natureza’. A consciência de uma fratura entre a natureza e a história favorece o nascimento de uma natureza a ser contemplada. Ritter observa, com justeza, que Alexander von Humbolt explicitou um conceito universal: assim que a natureza se torna objeto das ciências naturais, produz-se a mediação estética da poesia e da arte figurativa (BARTALINI, 2013).

Pode-se, portanto, pensar em paisagem como mediação, porque é na paisagem que natureza e espaço se materializam de forma inequívoca como mundo do sentido e do sensível, como dimensão do humano. É no campo de sentido aberto pela experiência de paisagem que: “O luar quando bate na relva, não sei que cousa me lembra... lembra-me a voz da criada velha contando-me contos de fadas” (Fernando Pessoa/Alberto Caeiro, “O guardador de rebanhos”). É nesse mesmo campo de sentido que pode nascer a questão: “Mas pra que, pra que tanto céu, pra que tanto mar, pra quê? De que servem as ondas que quebram e o vento da tarde, de que serve a tarde, inútil paisagem” (Tom Jobim, “Inútil paisagem”). Ou que se saboreia: “A franja da encosta, cor de laranja” misturada ao “[...] mel destes olhos, luz, mel de cor ímpar” (Caetano Veloso, “Trem das cores”).

É também no campo de sentido aberto pela paisagem que o espaço pode ser vivido de forma distinta à do espaço físico, posicionador de objetos, como bem revela Caetano Veloso: “Sobre a cabeça os aviões, sob meus pés os caminhões, aponta contra os chapadões meu nariz.” (Caetano Veloso, “Tropicália”).

Em cada um desses exemplos, e em milhares de outros mais, paisagem acontece de braços dados com natureza e espaço, acontece como narrativa humana, onde o que se revela é produção e empréstimo de sentido, pois paisagem só é possível no horizonte de uma relação íntima e primária, anterior à racionalização.

Ao paisagista caiba, talvez, o desafio de ter “olhos e coração bem abertos” para compreender o que se passa, o que acontece, o que se projeta a partir de seu projeto. Isso possibilitaria ir ao encontro de uma “tessitura” dinâmica, viva, que fala do caminhar humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTALINI, Vladimir. A paisagem em arquitetura e urbanismo. In: **Paisagem Textos I**. Organização e produção dos Textos: Vladimir Bartalini. São Paulo: Edusp, 2013.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: FAUUSP, 2013.

GIACÓIA JR, Oswaldo. **Heidegger urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **A origem da obra de arte**. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: Edições 70; LDA, 2010.

_____. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. 7 ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Encontro com a Daseinsanalyse**: a obra Ser e tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica. São Paulo: Escuta, 2015.